

O engenheiro da natureza e das letras

Maria Lúcia Vieira (Mestre)
Curso de Letras – Universidade Tuiuti do Paraná

Resumo

Este texto refere-se a um estudo sobre o texto de Euclides da Cunha, “Os Sertões” com suas críticas às ações do exército, que, sob ordens do governo republicano, massacrou os habitantes de Canudos. O objetivo é discutir questões relevantes em relação ao contexto social, histórico e cultural da época em que o livro foi escrito, em confronto com o momento atual, mostrando que a sociedade brasileira, um século depois, vive ainda antigas contradições históricas e sociais. Busca-se expor as teorias científicas e filosóficas que influenciaram o escritor na elaboração de seu romance. Define-se o gênero do romance, pois, embora não seja ficção, considera-se, esse livro uma obra literária pelo tratamento artístico que o autor o submeteu, o assunto, e a linguagem. Faz-se uma análise estrutural, destacando quatro unidades que caracterizam a tessitura linguística em “Os Sertões”: o verbo, os adjetivos, o vocabulário e os torneios fraseológicos, através do uso de figuras de linguagem. É relevante o estudo à medida que propicia estudos intertextuais e interdisciplinares, visto que esse romance permite o diálogo entre uma série de outros textos.

Palavras-chave: Os sertões; determinismo; estilo e linguagem.

Abstract

This article refers to the study about Euclides da Cunha’s masterpiece, “Os Sertões” regarding his criticism to Army’s actions that following the republican government instructions, murdered the population in Canudos. The proposal is to discuss relevant social, historical and cultural aspects of the period when the book was written in contrast to the actual moment of our history. It is also important to point out the scientific and philosophical theories, which influenced the writer in the development of his romance; even though it is not a fiction piece, this book may be considered a literary piece due to the artistic treatment given by the author regarding the subject and the language. This study focuses on the structural analysis and highlight four units that help the author to write “Os Sertões”: verbs, adjectives, vocabulary and figures of speech. This approach is relevant to the research because it enables future inter-textual and inter-disciplinary studies since the romance may imply dialogues with several other texts.

Key words: Os sertões; determinism; stile and language.

Introdução

Este é um trabalho de pesquisa sobre “Os Sertões”, de Euclides da Cunha que neste ano de 2009 marca os cem anos de sua morte. A data exata é 15 de agosto de 1909, quando o escritor, sociólogo, repórter do jornal “O Estado de São Paulo”, historiador e engenheiro foi morto pelo jovem tenente Dilermando de Assis.

O enfoque deste estudo volta-se para elucidar aspectos biográficos e o contexto social, histórico e cultural da época em que o livro foi escrito.

Euclides da Cunha absorveu referências teóricas de autores e correntes como o Determinismo de Taine, o Evolucionismo de Spencer, o Darwinismo racial, e o Positivismo de Comte.

O escritor organizou o livro em três partes: “A Terra”, quando faz um relato das condições físicas de Canudos; “O Homem”, ao apresentar um estudo detalhado dos componentes que formaram as etnias que habitavam a região. E, por último, “A Luta”, onde narra todo o conflito da guerra de Canudos ocorrido em meados de 1897.

A escolha desta pesquisa justifica-se no sentido de o livro “Os Sertões” propiciar, após um século de sua publicação, condições de estimular discussões e estudos críticos. Como texto polêmico e desafiador, considera-se um ponto de referência para se conhecer a história

do Brasil e suas implicações sociais, econômicas e políticas.

Justifica-se ainda este estudo pelo propósito de homenagear o escritor após cem anos de sua morte.

Objetivo geral centra-se no estudo biográfico do escritor, bem como o contexto social, cultural e histórico do momento em que o livro foi escrito.

Como objetivo específico, estuda-se a estrutura compositiva e a linguagem que reflete o estilo euclídiano.

O referencial teórico apoiou-se em estudos de Rabello (1983), que faz um estudo biográfico e bibliográfico sobre o escritor. Sem o auxílio deste texto, não seria possível, por exemplo, entender que o cadete republicano, mais tarde auxiliar de Floriano Peixoto se desencantasse da República que, tendo partido da ideia de que Canudos era a Vendéia brasileira, pudesse chegar a conceber a revolta dos jagunços, do Conselheiro como reflexo do atraso social e econômico do país.

Além de Rabello, Citelli (1998), com seu “Roteiro de leitura, Os Sertões de Euclides da Cunha” forneceu pistas e indicações que tornaram rica a convivência com o livro. O impacto causado pela primeira parte do livro, “A Terra”, apresentava grande dificuldade de compreensão. Como enfrentar aquele tratado sobre a geologia nordestina? O cenário físico, as caatingas, as serras, as águas, o ar, a vegetação, é tudo descrito

numa linguagem intrigante e difícil com muitos termos inusitados, expressões científicas desconhecidas, frases retorcidas e cheias de musicalidade.

Citelli (1998) enfrentou o desafio para entender a formação do povo brasileiro, da história do Brasil, das suas instituições políticas, enfim, da organização da sociedade brasileira.

Ainda, Modesto (1963), no seu livro “Estilo e personalidade de Euclides da Cunha”, analisa uma série de ocorrências de linguagens e de figuras presentes naquela obra.

Por fim, Bosi (1997) que em seu livro “História Concisa da Literatura Brasileira”, faz uma crítica histórica que envolve o texto literário com radicação na História. Faz uma abordagem da guerra de Canudos, interligando assim a organização do texto literário como projeto historicizado.

Delineando o caminho

Inicia-se o estudo com a apresentação do perfil biográfico, para elucidar seu percurso como escritor e como chegou a se envolver com a guerra de Canudos.

Achou-se necessário examinar o contexto social e cultural. Sendo assim, expõem-se, a seguir, as teorias científicas da época do Realismo, Naturalismo e

Parnasianismo, uma vez que o estilo de Euclides da Cunha, fortemente impregnado por estes estilos de época, atualizou muitas características vigentes deste período.

Por ser relevante, apresenta os pressupostos históricos do Brasil do século XIX e XX.

Apresenta-se, em seguida, o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e sua estrutura compositiva feita através de um rigoroso esquema determinista elaborado em três partes integradas: “A Terra”, “O Homem” e “A Luta”. O livro atualiza as vivências com o Cientificismo do final do século XIX, particularmente o Determinismo de Taine.

Achou-se necessário examinar o contexto social e cultural. Sendo assim, expõem-se as teorias científicas da época do Realismo, Naturalismo e Parnasianismo, uma vez que o estilo de Euclides da Cunha, fortemente impregnado por estes estilos de época, atualizou muitas características vigentes deste período.

Procedeu-se, na última parte do estudo, a uma análise do texto, levando em consideração que o conceito de estilo tem sofrido as mais diversas variações não menos que os processos de análise estilística.

Para alguns, quanto mais inconfundível for o estilo mais suas marcas interiores, tanto maior será a personalidade do escritor.

A crítica estrutural deslocou o eixo da análise estilística para três campos da semiologia, e com ela, o

conceito de estilo trouxe novas conotações.

A maioria dos teóricos da literatura considera inseparável a ideia de estilo da expressividade linguística, sem o que não haverá literatura.

Embora o estilo não se esgote nos seus elementos formais, é através da representação verbal que se podem estabelecer as suas qualidades e estudar o seu mecanismo interno ou as linhas mais características que presidiram à elaboração. Este capítulo propôs a investigar o processo de composição de uma forma lógica sem pretender descobrir os resíduos psíquicos ou as intenções subscientes que se insinuam nas palavras do texto. Não foi este tipo de análise que se propôs neste breve estudo sobre o estilo de “Os Sertões”.

Através destes elementos, Euclides da Cunha elaborou o mundo sertanejo de Canudos e a arma militar através dos combates.

Contextualização

Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha nasceu em Cantagalo, Rio de Janeiro, no dia 20 de janeiro de 1866. Logo cedo, aos três anos de idade, ficou órfão de mãe, e como o pai um guarda-livros que percorria fazendas fluminenses, não podia assumir a responsabilidade, foi criado por parentes mais próximos. Após haver

concluído o ginásio e o colégio, no Rio de Janeiro, ingressou, em 1884, na Escola Politécnica, para cursar Engenharia. Por motivos financeiros do pai, acabou escolhendo a carreira das armas, pois esta lhe proporcionaria maior segurança e tranquilidade.

Em 1886, transferiu-se para a Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro que então passava por uma fase de ardente positivismo republicano. Euclides, ainda cadete, num ato de apaixonada adesão à doutrina que recebera dos mestres, afronta o Ministro da guerra que visitava a Escola, lançando fora o próprio sabre; é excluído do Exército e, confessando-se militante republicano, está para ser submetido a Conselho de Guerra quando D. Pedro II lhe concede perdão. Mais tarde, com a proclamação da República, reintegra-se no Exército e passa a alferes-aluno. Cursa, de 1890 a 1892, a Escola Superior de Guerra, formando-se em Engenharia Militar e bacharelando-se em Matemática, Ciências Físicas e Naturais. Dedicar-se à profissão de engenheiro e trabalha na Estrada de Ferro Central do Brasil. Por motivos políticos é afastado do Exército e passa trabalhar em São Paulo como Superintendente de Obras.

Em 1897, colabora pela segunda vez para “O Estado”; entre outros artigos comenta sobre Canudos, que interpreta como uma revolta insuflada por monarquistas renitentes.

Nesse artigo, sob o título “A Nova Vendéia”, ele não hesitou em fazer um paralelo entre os jagunços, que o governo brasileiro procurava vencer nos sertões e os monarquistas que a Revolução Francesa tentava esmagar outrora nas charnecas da Bretanha. Todavia, não tinha dúvidas: aqui como na Vendéia, a República triunfava. O jornal manda-o como correspondente para acompanhar as operações que o Exército iria executar na região para destruir “o foco”. Euclides lá permanece de agosto a outubro de 1897; de volta põe-se a escrever “Os Sertões”, primeiro na fazenda do pai, em Descalvado, depois em São José de Rio Pardo (1898-1901) para onde foi incumbido de reconstruir uma ponte. O livro, que sai em novembro de 1902, alcança repercussão nacional. Euclides é aclamado membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e eleito para a Academia Brasileira de Letras. Em 1903, escreve “Contrastes e Confrontos”, livro que também se propõe a continuar expondo os problemas brasileiros. Em 1905, vai para a Amazônia e quando retorna publica Relatório sobre o Alto Purus, resultado de seus estudos como chefe da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus, cargo designado pelo Barão do Rio Branco, seu grande amigo e admirador. Em 1909, passa no concurso para a cadeira de Lógica do Colégio Pedro II. Fica pouco tempo, pois, por questões de honra é assassinado. O historiador e engenheiro foi morto pelo

jovem tenente Dilermando de Assis. Euclides chegou armado a matar ou morrer em nome da honra, uma vez que sua mulher, Ana de Assis, abandonara-o pelo tenente. Campeão de tiro, Assis, alvejou-o primeiro. Ele contava, ao morrer, quarenta e três anos de idade.

Contexto social e cultural

Para Bosi (1997) o contexto social e cultural pode ser assim definido:

Creio que se pode chamar pré-modernista (no sentido forte de premonição dos temas vivos em 22) tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural. Caberia ao romance de Lima Barreto e de Graça Aranha, ao largo ensaísmo social de Euclides da Cunha e à vivência de Monteiro Lobato o papel histórico de mover as águas estagnadas da belle époque, revelando, antes dos modernistas, as tensões que sofria a vida nacional.

Parece justo deslocar a posição desses escritores: do período realista, em que nasceram e se formaram, para o momento anterior ao Modernismo.

O engenheiro Euclides da Cunha deteve o olhar na matéria e nos determinismos raciais que o século dezenove lhe ensinara aceitar sem reservas. Desse esforço aturado de colher o real, emergiu uma outra face da nação: face trágica que se pode observar em seu livro: “Os Sertões.”

Se o crítico afirma que o escritor de “Os Sertões” sofre todas as influências das teorias científicas da época, é pertinente pesquisá-las e fazer um estudo crítico das mesmas. Posteriormente, será necessário verificar como elas se atualizam no romance em estudo.

O Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo são as correntes artísticas mais expressivas da segunda metade do século XIX até o limiar do século XX. O escritor Euclides da Cunha, ainda totalmente impregnado deste estilo de época, atualiza em seu livro muitas das características vigentes neste período que reflete no plano artístico, a consolidação da burguesia e seu fortalecimento, enquanto classe detentora do poder, em função do triunfo definitivo do capital industrial sobre o capital de comércio, e da implementação do capitalismo avançado.

O apogeu da Revolução Industrial, o avanço científico e tecnológico marcou profundas transformações na vida, na arte e no pensamento. O ímpeto revolucionário e contestatório do período romântico, a exaltação da liberdade individual, da rebeldia é substituída por novas palavras de ordem: a ciência, o progresso, a razão, que interessam à classe dominante, no sentido da estabilização de suas conquistas, de preservação da ordem, de maximização da produção industrial.

A leva de escritores que vivenciou estes ideais pode ser chamada de a geração do materialismo, pois o desenvolvimento científico da época influenciou toda a sua intelectualidade. Estudantes aderem ao cientificismo, ao materialismo, opondo-se à metafísica.

Algumas doutrinas científico-filosóficas dessa época deixaram marcas muito visíveis na produção literária. Dentre elas, cita-se o Positivismo, doutrina desenvolvida por Augusto Comte. Em seus estudos abrangeu vários campos, da Teoria do Conhecimento à Sociologia, caracterizado pela orientação cientificista que deu ao pensamento filosófico, atribuindo à constituição e ao processo da ciência positiva importância capital para o progresso do conhecimento.

Outra teoria, também muito importante, foi desenvolvida por Charles Darwin. Parte do princípio de que homem é o produto da evolução natural das espécies. Este passa a ser visto especialmente sob o aspecto biofisiológico, tomado como ser animal, regido pelo instinto biológico, pelas mesmas leis que regem todos os animais.

Ainda uma outra teoria merece ser destacada: o Determinismo, sistematizado por Hypolite Taine, que propõe que o comportamento humano seja determinado por forças biológicas (o instinto, a herança genética), sociológicas e ambientais (ecologia, meio social) e históricas. Todos os fatos psicológicos

e sociais são manifestações naturais que nada tem de transcendência.

Das teorias citadas, esta última, a de Hypolite Taine foi a que mais influenciou a feitura do romance de Euclides da Cunha, como será demonstrado neste estudo.

É moderna em Euclides a ânsia de ir além dos esquemas e desvendar o mistério da terra e do homem com todas as armas da ciência. A descrição minuciosa, da terra, do homem e da luta situa “Os Sertões” como uma leitura científica e histórica da realidade brasileira nordestina. Uma série de autores e tendências difundidas na época, de extração cientificista, passaram a influenciar na personalidade de jovem cadete. Os ideais foram repassados por influência direta com Benjamim Constant, um intelectual brilhante e respeitado da época. Com a convivência direta ou não com este professor, Euclides da Cunha absorveu referências teóricas de autores e correntes como o Determinismo de Taine, O Evolucionismo de Spencer, o Darwinismo racial, o positivismo de Comte, a visão do herói de Thomas Carlyle, para quem a História era feita graças à ação dos grandes homens.

Os pressupostos históricos: o Brasil entre o século XIX e XX

Após a Proclamação da República, em 1889, o Brasil foi comandado por dois Presidentes militares:

Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, responsáveis pela instalação e consolidação do regime republicano em nosso país.

Este período é lembrado como a República da Espada (1889-1894), fase na qual ocorreram a Revolta da Armada e a Revolução Federalista.

Em 1894, assume a presidência do Brasil, Prudente de Moraes, o primeiro presidente civil da nossa história. Nosso país inicia uma nova fase: a chamada República das Oligarquias ou República Café com Leite. A chamada República Velha (1894-1930) assentava-se na hegemonia dos proprietários rurais de São Paulo e de Minas Gerais. Era conhecida como a República Café com Leite, fórmula que reconhecia à lavoura cafeeira somada à pecuária o devido peso nas decisões econômicas e políticas do país. Nessa fase, o poder político sofre a influência de grandes fazendeiros, sobretudo dos ricos cafeicultores.

Enquanto o Sul e o Sudeste atingiam um período áureo, sustentados pela ascensão do café, o Nordeste sofria as consequências econômicas e sociais do acelerado declínio da cana-de-açúcar.

A República não correspondia e as tão esperadas transformações estavam longe de acontecer. Os contrastes entre os dois Brasis eram visíveis. De um lado, a elite detinha o dinheiro e o poder representado pelas oligarquias rurais; de outro, as camadas sociais não favorecidas sofriam as diversidades produzidas pelo clima

e falta de prosperidade.

Esse quadro de tensão e desigualdade resultou em agitações sociais em alguns pontos do país. Os conflitos deram-se em tempos e lugares diferentes. Só para exemplificar: o fenômeno do cangaço, o caso do padre Cícero em Juazeiro, os movimentos operários em São Paulo (1914-18). Destes movimentos, o núcleo jagunço de Canudos, matéria de “Os Sertões” de Euclides da Cunha, será focado neste estudo.

Guerra de Canudos

Uma das maiores tragédias da história do Brasil ocorreu em 1897, em Canudos, às margens do rio Vaza-Barris. O conflito foi ocasionado por uma ação de um homem chamado Antônio Vicente Mendes Maciel, mais conhecido por Antônio Conselheiro. Nascido em Quixarobim, no Ceará em 13 de março, de 1830, possuía um espírito de liderança impressionante, capaz de arrebanhar para sua jornada espiritual, inúmeros fiéis advindos de várias partes de cidades do nordeste, como Pernambuco, Ceará, Bahia e Sergipe. Sua peregrinação durou mais ou menos uns quinze anos, até 1871, quando fundou o arraial de Canudos, sede de seu reinado.

A Folhinha Laemmert, no Rio de Janeiro, em 1877 registrou o ocorrido:

Apareceu no sertão do norte, um indivíduo, que se diz chamar Antônio Conselheiro, e que exerce grande influência no espírito das classes populares, servido-se de seu exterior misterioso e costumes ascéticos, com que impõe a ignorância e a simplicidade. Deixou crescer a barba e cabelos, veste uma túnica de algodão e alimenta-se tenuemente, sendo quase uma múmia. Acompanhado de duas professoras, vive rezar terços e ladainhas e a pregar e a dar conselhos às multidões, que reúne, onde lhe permitem os párocos; e, movendo sentimentos religiosos, vai arrebanhando o povo e guiando-o a seu gosto. Revela ser homem inteligente, mas sem cultura.

Em 1893, fixa-se na Bahia, em uma velha fazenda de gado, chamada Canudos, e batizada mais tarde, pelo seu fundador, de Belo Monte. Aí teve início uma intensa migração de fiéis chegando ao final com mais de cinco mil edificações, com uma população que excedia vinte mil pessoas. As pessoas abandonavam a sua casa e todos os seus pertences e instalavam-se no lugar santo, como eles o chamavam. Toda região começou a sentir falta de mão de obra, pois quase toda a população migrava para a terra do Santo Antônio Aparecido.

O líder espiritual era o Antônio Conselheiro, seguido de uma irmandade, pequenos comerciantes e o povo que para lá se dirigia. Belo Monte se tornou uma cidade independente, com normas e condutas próprias. A bebida e o adultério eram proibidos. Também o casamento civil, a circulação do dinheiro republicano e a acumulação de bens materiais.

A norma era recusar o Estado, criticar o modelo republicano e afirmar canudos como a terra santa, o lugar onde seria possível salvar-se do mundo corrompido pela ação do dinheiro, do presidente, dos padres que perderam a fé e se aliaram aos interesses mundanos. Seguiam um ideário meio confuso sem saber ao certo a que se opunham. Queriam mesmo a manutenção de um espaço religioso que abrigasse os excluídos e onde fosse possível viver a verdadeira fé que já que não existia fora de Canudos.

A ação do Antônio Conselheiro acabou provocando reações dos fazendeiros e coronéis nordestinos, da igreja e dos republicanos em especial dos setores mais radicais do Exército, os jacobinos. Os canudenses passaram a serem vistos como ignorantes, místicos, bandidos de várias espécies, gente simples, liderados por um louco que conspirava contra a nascente república. E o Exército decidiu enviar tropas para destruir Canudos; a guerra estava instaurada.

Primeira Expedição

O início da guerra de Canudos foi deflagrada por um pequeno incidente. Antônio Conselheiro precisava concluir uma das suas igrejas e mandou comprar madeira em Juazeiro (BAHIA) e pagou adiantado. Como o material não foi entregue no tempo marcado,

o líder dos canudenses resolveu ir pessoalmente buscar o lote de madeira comprado. Tal atitude foi mal interpretada pelo juiz da cidade, que se aproveitando da situação, considerou o ato do beato como um desafio à lei e uma ameaça de invasão a Juazeiro.

O juiz, Dr. Arlindo Leôni, solicitou ao governo estadual o envio de tropas a fim de proteger a população da cidade, pensado na possível invasão e ataque dos canudenses. Chegaram à cidade, 107 homens comandados pelo tenente Pires Ferreira com a missão de prender o Antônio Conselheiro. Enviados a Canudos, desde os primeiros instantes tiveram que enfrentar muitas dificuldades ocasionadas pela seca, num terreno íngreme e longo (mais de cem quilômetros). O resultado foi o que se esperava: a humilhação e a derrota. Os soldados debandaram e abandonaram suas armas no local. A vitória dos canudenses, em 21 de novembro de 1896, no povoado de Uauá, não foi aceita pacificamente pelo Estado. Estavam criadas as condições para o início de uma luta contra Antônio Conselheiro e seus seguidores.

Segunda Expedição

Quinhentos homens, comandados pelo major Febrônio de Brito e organizados em colunas maciças, são emboscados pelos jagunços em terrenos acidentados,

no Morro do Cambaio e em Tabuleirinhos. Destacam-se os ‘bandidos’ João Grande e Pajeú, este último considerado verdadeiro gênio militar. Reduzidos a 100 homens, as tropas do governo decidem voltar.

A Terceira Expedição

Um mil e trezentos homens, comandados pelo coronel Moreira César, armados com canhões Krup, recém-importados da Alemanha, sem planos definidos, partiram em fevereiro de 1897, atacando de frente, do Morro da Favela, o arraial de Canudos. Os jagunços, protegidos pela irregularidade do relevo, buscavam o corpo-a-corpo e desorganizaram as tropas que na retirada desastrosa deixaram para trás armas, munições, canhões Krup e o próprio Gal. Moreira Cezar, morto após ter sido ferido em combate.

Quarta Expedição

Cinco mil homens, comandados pelos generais Artur Oscar, João da Silva Barbosa e Cláudio Savaget, são enviados pelo Sul. As tropas dividiam-se em duas colunas. A primeira é cercada pelos jagunços no Morro da Favela e tem que se socorrer da segunda coluna que, vitoriosa em Cocorobó havia mudado de estratégia, dividindo-se em pequenos batalhões. As duas colunas

tentaram um ataque maciço. Conseguem tomar boa parte do arraial, mas os soldados mal resistem à fome e à sede.

Comandados pelo próprio Ministro da Guerra, o Marechal Carlos Bittencourt, oito mil homens deslocam-se para a região de Canudos, em agosto de 1897. Canudos fica isolado e sem água. A torre da igreja é derrubada por um tiro de canhão. Estarrecidos, esperando a salvação, os sertanejos não se renderam, e muitos foram degolados após o assalto final. O escritor Euclides da Cunha a tudo assistiu para fazer a reportagem no jornal. A província de São Paulo, hoje, O Estado de São Paulo. Toda a estória de Canudos e seu massacre foram depois recontados no livro “Os Sertões”, pelo escritor que assistiu atônito um crime praticado por uma nacionalidade inteira.

Fechemos este livro.

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro: apenas um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.

O romance: Os Sertões

O esquema determinista, de Hypolite Taine, já se pode perceber na composição da estrutura do

Romance cujo núcleo é formado por três partes: “A Terra”, “O Homem”, ”A Luta”.

Para que o escritor pudesse entender a forma científica dos acontecimentos ocorridos em Canudos, era necessário considerar o cruzamento dos fatores ambientais geográficos (A Terra); dos aspectos antropológicos necessários para se mostrar os cruzamentos entre as raças e o surgimento do sertanejo (O Homem); das circunstâncias históricas, culturais, políticas, sociais que ocasionaram a guerra em Canudos. (A Luta). Nesta divisão percebe-se, portanto, a familiaridade do escritor com o Cientificismo do final do século XIX, particularmente o Determinismo de Taine, conforme citado anteriormente.

A terra

Na primeira parte, o escritor faz um minucioso relato das condições físicas de Canudos, levando em conta o relevo, o clima, a fauna e a flora do lugar. “A profunda formação de Euclides da Cunha em Ciências Naturais, e Geografia foram fundamentais para a realização desse estudo, calcado, portanto, em bases científicas”.

Um outro aspecto relevante para a realização dessa parte do livro foram às informações repassadas pelo seu amigo particular Teodoro Sampaio. Ia continuamente

à casa do amigo para relatar episódios que presenciara na caatinga. À medida que Euclides ia escrevendo os capítulos, não deixava de levá-los, aos domingos, a Teodoro, a fim de ouvir o seu juízo, debater os pontos controvertidos. Esses capítulos diziam respeito à natureza física dos sertões, geologia, aspecto, relevo. E Teodoro, velho conhecedor da região entre o São Francisco e o Itapecuru dava-lhe todas as informações necessárias. Conhecendo a região do vasto sertão baiano, antes de Euclides, foi-lhe inteiramente útil. Debatiam sobre a constituição do solo, sobre os estudos de Hartt e Derby em relação às terras salgadas dos tabuleiros arenosos, das montanhas calcárias, o curso dos rios, o regime dos ventos e características da flora. Teodoro Sampaio foi o mais valioso colaborador, nessa fase preparatória de seu livro como homem desinteressado, deu-lhe tudo o que sabia, tudo o que possuía sobre o Nordeste.

É uma paragem impressionadora. As condições estruturais da terra lá se vincularam à violência máxima dos agentes exteriores para o desenho de relevos estupendos. O regime torrencial dos climas excessivos, sobrevindo, de súbito, depois das insolações demoradas, e embatendo naqueles pendores, expôs a muito, arrebatando-lhes para longe todos os elementos degradados, as séries mais antigas daqueles últimos rebentos das montanhas: todas as variedades cristalinas, e os quartzitos ásperos, e as filadas e calcáreas, revezando-se ou entrelaçando-se, repontando duramente a cada passo, mal cobertos por uma flora

tolhiça-dispondo-se em cenários em que ressalta predominante, o aspecto atormentado das paisagens. (...) (...) as pesquisas de Fred. Hartt, de fato, estabelecem nas terras circunjacentes a Paulo Afonso, a existência de inegáveis bacias cretáceas. (Cunha, 1938)

O homem

Nesta parte, o escritor faz um estudo detalhado dos componentes que forjaram as etnias que habitam a região e apresenta o sertanejo como uma sub-raça, produto de múltiplos cruzamentos. Faz um estudo das bases antropológicas do homem brasileiro, orientado pelas teorias raciais do século XIX. Deste estudo resulta um ponto de vista de fundo preconceituoso em relação ao sertanejo. Para o escritor a história da humanidade se faz pelo domínio das raças fortes sobre as fracas. Mostra a prioridade da raça branca no processo de miscigenação, de cruzamento e de mestiçagem. A mistura de negros, portugueses, índios não permite a unidade racial do povo brasileiro. O sertanejo, visto como uma sub-raça resultado de múltiplos cruzamentos representa uma involução biológica.

Percebe-se, mais uma vez a influência dos modelos da Biologia e das Ciências Naturais para os estudos da sociedade e da cultura.

Mas este estudo é todo marcado por paradoxos e contradições, pois a certa altura do livro encontramos:

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. (Cunha, 1938, p. 81).

Com esta afirmação mostra as diferenças entre o mestiço do sertão e do litoral. O do sertão ficou isento da cultura “superior”, por ter ficado isolado da civilização, perdido nas caatingas, longe das cidades e, por isso, não decaiu. Já o do litoral, vivendo nas grandes cidades sofreu o peso do desenvolvimento, sucumbiu e degenerou-se.

O livro retrata aquele mestiço do sertão através de antíteses como sendo um Hércules - Quasímodo, ou seja, guerreiro, valente, porém feio, mirrado, quase um monstro. “(...) e da figura vulgar do tabaréu canbestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias”. (Cunha, 1938, p. 81).

A luta

Neste capítulo do livro, Euclides narra todo o conflito, até seu final terrível e melancólico. Faz um relato das várias expedições contra Canudos e as resistências do sertanejo.

Os esquemas deterministas verificados até então, vão sendo eliminados, e o texto, como se fosse uma epopeia, ganha aspectos dramáticos e relata a violência

e a barbárie da guerra. O ataque final das forças do exercito, ocorrido a cinco de outubro de 1897 põe fim a uma página negra da nossa história. “(...) os triunfadores, aqueles triunfadores, os mais originais entre todos os triunfadores memorados pela História, compreenderam que naquele andar acabaria por devorá-los, um a um, o último reduto combatido”. (Cunha, 1938).

O estilo euclidiano

Só as obras bem escritas hão de passar à posteridade.
(Conde de Buffon, 1753).

Muito se tem escrito sobre o estilo de Euclides da Cunha. “Os Sertões” tem importância não apenas literária, mas também histórica e científica. No início do livro, percebe-se o olhar de um republicano em relação ao conflito de Canudos que via nele mais uma trama monarquista. No decorrer dos fatos, pode ver com olhos mais lúcidos e fornece ao leitor a real dimensão da história. Seu estilo é rebuscado e permeado de expressões científicas, chamado pela crítica de “barroco científico”.

Muitos críticos reconhecem que o escritor partiu da forma para a ideia. Uns elogiam, outros encontram defeitos. Críticos renomados afirmam não se encantar com o texto, pela monotonia das frases. José Veríssimo

(1920), diz que Euclides pecou contra os excessos de vocábulos técnicos.

Para se defender, o escritor escreve uma carta ao crítico e se justifica:

(...) a crítica não foi justa. Separados pela ciência e sendo de algum modo, permita-me a expressão, os aristocratas da linguagem, nada justifica o sistemático desprezo que lhes votam os homens de letras- sobretudo se considerarmos o consórcio da ciência e da arte, sob qualquer de seus aspectos, é hoje a tendência mais elevada do pensamento humano. Eu estou convencido que a verdadeira impressão artística exige, fundamentalmente, a noção científica do caso que a desperta e que, nesse caso a comedida intervenção de uma tecnografia própria se impõe obrigatoriamente, e é justo desde que não se exagere ao ponto de dar um aspecto de compêndio ao livro. (Carta a José Veríssimo, 03 de dezembro de 1920)

Euclides fala em sua carta do emprego comedido tirado da técnica científica, o seu “apedrejado nefelibatismo científico” conforme ele mesmo se referia em suas notas encontradas na terceira edição de “Os Sertões”, em 1905. Em seu texto é comum se encontrar palavras como: “esbotenar, esofregar, prepostenar” só para exemplificar o seu uso “comedido” de tais termos, o que, na realidade ele não foi nem um pouco comedido.

E o escritor seguindo todas as suas ideias, agia como se fosse um cientista munido de instrumentos apropriados, dissecando patologias, e usando uma

linguagem bem técnica, pinçada em vários manuais técnicos de Ciências Naturais, Biologia, entre outros. Justifica-se tal procedimento, pois era comum encontrar nos textos literários da época do Realismo-Naturalismo espaço para a linguagem científica com sua pretensa exatidão. Essa novidade obedeceu à tentativa dos escritores aproximarem sua linguagem daquela empregada pelos cientistas. A linguagem segue, portanto, a moda imposta do cientificismo do século XIX, e Euclides não ficou impune a estes modismos.

Para Veríssimo (1920):

O livro é ao mesmo tempo o livro de um homem de ciência, um geógrafo, um geólogo, um etnógrafo. Mas, ao mesmo tempo, um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, um historiador, e, também, um homem de sentimento, um poeta, um romancista, um artista, que sabe ver e descrever, que vibra e sente tanto os aspectos da natureza como o sentimento do homem em contacto com a mesma. Estremece todo, tocado até ao fundo da alma, comovido até as lágrimas, em face da dor humana, venha ela das condições fatais do mundo físico, as secas que assolam os sertões do Norte brasileiro, venha da estupidez ou da maldade dos homens, como a campanha de Canudos.

Na primeira parte do livro: “A terra”, seus estudos são todos calcados na erudição científica, em voga no tempo, e consta de um apanhado geral da zona das secas e de suas causas possíveis. O exemplo a seguir comprova:

As secas. O sertão de Canudos é um índice sumariando a fisiografia dos sertões do norte. Resume-os, enfeixa os seus aspectos predominantes numa escala reduzida. É-lhes de algum modo uma zona central comum. De fato, a inflexão peninsular, extremada pelo cabo de S. Roque, faz que para ele convirjam as lindes interiores de seis Estados- Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará, e Piauí- que o tocam ou demoram distantes poucas léguas. (Cunha, 1938, p. 30).

Na segunda parte: “O Homem”, com base na ideia do condicionamento do meio e da herança, estuda-se a gênese do jagunço e, principalmente de Antônio Conselheiro, chefe carismático de uma multidão de fanáticos, reunida em Canudos. Euclides deteve o seu olhar nos determinismos sociais que o século XIX lhe ensinara aceitar sem reservas.

Antônio Conselheiro, documento vivo de atavismo. È natural que estas camadas profundas da nossa estratificação étnica se sublevassem numa anticlinal extraordinária - Antônio Conselheiro... A imagem é corretíssima. Da mesma forma que o geólogo, interpretando a inclinação e a orientação dos estratos truncados de antigas formações, esboça o perfil de uma montanha extinta, o historiador só pode avaliar a atitude daquele homem, que por si nada valeu, considerando a psicologia da sociedade que o criou. Isolado ele se perde na turba dos neuróticos vulgares. (Cunha, 1938, p. 131).

Bosi (1997) considera que o livro posto entre a literatura e a sociologia naturalista assinala um fim e

um começo: o fim do imperialismo literário, o começo da análise científica aplicada aos aspectos mais importantes da sociedade brasileira. Esboça as contradições contidas na diferença da cultura entre as regiões litorâneas e o interior do Brasil.

Além dos elementos formais que contribuíram para a elaboração do texto, é através da representação verbal que se podem estabelecer as qualidades estilísticas de “Os Sertões”.

Neste aspecto, ou seja, na investigação dos processos usados na composição do texto, chama-se atenção, neste estudo, para a pontuação, em especial os pontos-e-vírgulas.

As seções voltam desfalcadas para a coluna, depois de inúteis pesquisas nas macegas. E voltam como se saíssem de recontro braço a braço, com selvagens: vestes em tiras; armas estrondadas ou perdidas; golpeados de gilvazes; claudicando, estropiadas; mal reprimindo o doer infernal das folhas urticantes; frechados de espinhos...

Reorganiza-se a tropa. Renova-se a marcha. A coluna estirada a dous de fundo, deriva pelas veredas em fora, estampando no cinzento da paisagem o traço vigoroso das fardas azuis listradas de vermelho e o coruscar intenso das baionetas ondulantes. Alonga-se; afasta-se; desaparece. (Cunha, 1938, p. 215).

Estes se multiplicam, como um dos recursos usados pelo escritor para quebrar a monotonia dos longos

períodos, em que a ideia central, uma vez lançada no texto, se amplifica em contínuos e sucessivos desdobramentos. Mas não é só o ponto-e-vírgula, como todos os sinais de pontuação, principalmente a vírgula exerce uma função importante na linguagem de Euclides da Cunha.

Como no exemplo, acima citado, é um recurso frequente que revela o escritor abundante, de grande expressão, mas freado por um rigoroso senso de disciplina e contenção.

Faz uma sequência de frases destacadas do período por pontos-e vírgulas para descrever uma sucessão de quadros de uma paisagem desoladora, em que a ausência de verbos acentua a impressão de imobilidade, de ausência de vida. *“Depois de tudo isto se acaba: voltam os dias torturantes; a atmosfera asfíxiadora; o empedramento do solo; a nudez da flora; e nas ocasiões em que os estios se ligam sem intermitência das chuvas o espasmo assombrador da seca.”* (Cunha, 1938). São bons exemplos de parataxe, pois as frases curtas, diretas, sem o auxílio das conjunções, remontam ao estilo impressionista, e possibilitam ao escritor descrever um momento assolador retido na sua memória.

Outro aspecto, também chama a atenção do leitor: a frase solta, isolada. A partir desta frase, ele remata duas, três páginas compactas, resumindo em poucas palavras à impressão que procurou transmitir em todo

o capítulo. São quase sempre frases interjetivas, como esta, com que ele encerra a longa descrição de um sítio em pleno sertão: *“É uma paragem impressionadora”. E mais adiante: “É uma questão empolgante.” Ou ainda: “E o sertão é o paraíso...”* (Cunha, 1938). Ao descrever as muralhas de granito que separam o planalto do litoral, lança uma frase para sintetizar o quadro fixado: *“É a escarpa abrupta e viva dos planaltos”*. (Cunha, 1938). A frase-síntese que mais chama a atenção é a que retrata o homem das caatingas. Esta frase sintetiza por si mesma, toda a ideia do livro: *“O sertanejo é, antes de tudo, um forte.”* (Cunha, 1938).

Numa análise estrutural do estilo de Euclides da Cunha, pode-se ainda destacar quatro aspectos importantes: os verbos, os adjetivos, o vocabulário, os torneios fraseológicos e as figuras de linguagem.

Em relação aos verbos, o uso destes enfatiza a força de seu estilo. Não poderia ser diferente num estilo que se distingue pelo seu dinamismo. A ênfase verbal se comprova no exemplo a seguir: *“Atravessamo-lo (o sertão) no prelúdio de um estio ardente e, vendo-o, apenas nessa quadra, vimo-lo sob o pior aspecto.”* (Cunha, 1938).

Outro exemplo: *“Porque não no-los separa um mar, separam-no-los três séculos.”* (Cunha, 1938).

Há casos de acumulações verbais como no exemplo: *“(…) era um belo ensejo para estudarmo-las, corrigirmo-las ou anularmo-las.”* (Cunha, 1938).

Para o leitor de hoje, tais construções soam estranhas e não afinam bem aos ouvidos, por puro e simples esteticismo. No entanto, para o escritor, o efeito causado pelos pronomes, principalmente os complementos objetivos completam sua função estilística.

O uso do gerúndio também reforça sua expressividade estilística com base no impressionismo, na tentativa de reter na memória a paisagem inóspita do nordeste: “(...) escancelando-se *em baías*, e repartindo-se *em ilhas*, e desagregando-se *em recifes desnudos*, à maneira de escombros do conflito secular que ali se trava entre os mares e a terra”. (Cunha, 1938).

Por causa da ênfase verbal, muitos críticos viram no seu estilo um tom discursivo, que às vezes alcançam um tom grandiloquente.

Por outro lado, afirmam ainda que é no uso do adjetivo que recai a força de seu estilo. Na leitura dos textos percebe-se que raramente o escritor antepõe o adjetivo ao substantivo. Tal procedimento não é arbitrário. O simples deslocamento de um adjetivo, de preposto para posposto, ou vice-versa, pode determinar, como se sabe, uma alteração no sentido da frase.

Muitos críticos consideram o uso do adjetivo, como a tônica no estilo de Euclides. Com efeito, é esse elemento que reside uma das marcas tipificadoras por excelência da linguagem do escritor.

Observa-se, na leitura dos textos de “Os Sertões” que raramente ele antepunha o adjetivo ao substantivo. Tal procedimento nunca é arbitrário. O simples deslocamento de um adjetivo, de preposto para posposto, ou vice-versa, pode determinar uma alteração no sentido da frase.

A formação adjetivo-substantivo implica um juízo analítico, ao passo que a formação inversa, substantivo-adjetivo pressupõe um juízo sintético. No primeiro caso, há o desejo de realçar uma qualidade inerente ao substantivo, enquanto que no segundo tal não acontece. Na anteposição do adjetivo ao substantivo revela uma qualidade inerente ao substantivo, ao passo que a colocação oposta (substantivo-adjetivo) carrega para o adjetivo um atributo do substantivo, acidental ou inerente a ele. No primeiro caso, o substantivo conserva a pura potencialidade, enquanto que no segundo, esta se transfere para o atributo, ou seja, dá ênfase ao adjetivo.

Euclides da Cunha, ao preferir esta última forma, empresta ao adjetivo um elemento caracterizador por excelência.

Veja-se este exemplo: ... *disparam pelas baixadas úmidas os caítilus esquivos; passam em varas, pelas trigueiras, num estrídulo estrepitar de maxilas percutindo, os queixadas de canela ruiva...* (Cunha, 1938).

Pospõe o adjetivo em: “baixadas úmidas” (em lugar de úmidas baixadas) e “canelas ruivas” (em lugar de ruivas canelas).

O adjetivo estríduo, de “num estríduo estrepitar de maxilas percutindo”, transmite ao leitor uma imagem auditiva, através da aliteração das dentais “tt”, seguidas de “r”, produzindo uma harmonia imitativa das “maxilas percutindo”. O escritor apresenta primeiro o quadro visual, pois primeiro ouve-se o som, o estrepito das maxilas, e só depois é que a imagem, isto é, os queixadas de “canelas ruivas” passando. O emprego do adjetivo eufônico deu ao período um sentido estético e não o carregou de adereço inútil.

Outro exemplo: “... pelo topo dos cerros, pelo esbarrancado das encostas, incendeiam-se as acendalhas da sílica fraturada, rebrilhantes, numa trama vibrátil de centelhas...” (Cunha, 1938).

O adjetivo “rebrilhantes” aparece distante do substantivo e isolado, abrindo um hiato na descrição, interrompendo-a para depois surpreender com a busca luminosidade que se desprende das “acendalhas incendiadas.”

Ainda outro exemplo: “Animam-se os ares numa palpitação de asas, céleres, ruflando.” (Cunha, 1938).

Nesta frase, o adjetivo vem isolado apenas por vírgulas.

Se, ao contrário, tanto neste exemplo, como no outro, o autor juntasse o adjetivo ao substantivo estaria

apenas salientando uma qualidade deste (“acendalhas rebrilhantes, asas céleres” resultaria num pleonasma e a frase seria corriqueira, trivial).

O vocabulário é outra característica de Euclides da Cunha.

Além do abuso do emprego de termos científicos, ou técnicos, a preferência do autor, é por palavras estranhas de pouca ou nenhuma circulação na língua portuguesa. Havia por parte do escritor uma grande preocupação em não usar palavras gastas pelo uso corrente.

Encontra-se: “*cabra destalado, árvores marcescentes, várzea complanada, redomão desensofrido, palavra remorada, trilhas multívias, casebres estraçoados, gentes despeadas, tocaias inumerosas, apelos excruciantes, recursos absolutórios etc*”. (Cunha, 1938) só para citar alguns.

O vocabulário além de arcaico incorpora neologismos, cunhados (inventados) pelo autor como: “circuitadas, envesgando, desfrequentadas, região ermada, entaliscados, malignou-lhes a índole, terrenos achavados, agrimponados,” etc. (Cunha, 1938). A preferência do escritor pela palavra inusitada, de uso raro para classifica-o como um autor de gosto exigente e estilo clássico.

Em relação à sintaxe, percebe-se o cuidado com que evita as orações na voz passiva. É sabido, que as formas apassivadoras destonificam a frase, quebram-lhe a energia e a força verbal.

Prefere sempre as orações na voz ativa, e os empregos dos pronomes pessoais, átonos, em frases como: “*Não Ihes avaliavam o número. Os cerros mais altos, bojando em esporões sobre a várzea, figuravam-se desertos. Batia-os de chapa o sol ofuscante e ardente; viam-se-lhes os mínimos acidentes da estrutura; podiam contar-se-lhes um a um os grandes blocos, que por ali se espalham (...)*” (Cunha, 1938).

Na frase: “*Os sertanejos invertiam toda a psicologia da guerra: enrijavam-nos os reveses, robustecia-os a fome, empedernia-os a derrota*” (Cunha, 1938). Observa-se, portanto, a inversão dos termos da oração e a frequência dos complementos pronominais objetivos.

A predominância de ordem inversa é frequente e constitui uma característica marcante no estilo de Euclides da Cunha.

“*Ecoam largos dias, monótonas, pelos ermos, por onde passam as lentas procissões propiciatórias, as ladainhas tristes (...)*” (Cunha, 1938).

Faz o esquema: predicado-complemento-sujeito com desdobramentos internos, um dos traços típicos encontrados na estrutura linguística de “Os Sertões”.

Novamente, como no exemplo do texto dos “queixadas”, há a preferência pela imagem acústica sobre a imagem visual – ou seja, o eco das ladainhas anunciando as procissões dos jagunços. Nota-se

novamente um tom de impressionismo, as sensações tomando o lugar dos objetos.

Fora dos hipérbatos, encontram-se ainda no texto em estudo, em ordem e combinações as mais diversas, os recursos inesgotáveis do seu arsenal estilístico: metáforas, símiles, antíteses, oximoros, e toda uma ordem de tropos e figuras literárias. Parece retomar as características do Barroco seiscentista no seu aspecto cultista. Cultismo lembra o rebuscamento da forma, abuso de figuras de linguagem, especialmente as semânticas (metáforas, antíteses, hipérbatos). Não é por acaso que estudos apontam o estilo de Euclides da Cunha como o “barroquismo científico”.

Alguns exemplos ilustram tal procedimento. “*Barbaramente estéreis; maravilhosamente exuberantes*”. (Cunha, 1938).

A dupla oposição: “*bárbaro - maravilhoso e estéril – exuberante*.”

O oximoro “*Hércules – Quasímodo*” aparece ao lado de: “*paraíso tenebroso*”, sol escuro, tumulto sem ruídos, profecia retrospectiva, medo glorioso, construtores de ruínas, etc.

As antropomorfizações são frequentes:

Exemplo: “*(...) árvores sem folhas, de galhos estorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante*.” (Cunha, 1938).

As imagens anímicas se repetem em todo o livro.

Nesse gigantesco mural Euclides da Cunha procurou fixar um dos dramas mais pungentes da história do Brasil, o artista se desdobra, múltiplo, numeroso, polimórfico. Vê-se o sociólogo, o geógrafo, o historiador, o repórter e o homem de letras que se integram num só, e a preocupação em valorizar esteticamente o material histórico e científico que serviu de base à sua obra.

Daí por que “Os Sertões”, mais do que uma obra científica, é uma obra de arte, obra ímpar na literatura brasileira.

Um livro contemporâneo do futuro, pois como disse Buffon, só as obras de arte passarão à posteridade.

Considerações finais

Euclides da Cunha, cronista, historiador, escritor, lança mãos de recursos ficcionais para criar uma representação bastante subjetiva e idealizada do sertão e da sociedade sertaneja e, no entanto, consegue comover os leitores há quase cem anos, e não só no Brasil.

Para os críticos surge a questão sobre o caráter científico e caráter literário da obra. As respostas nunca serão categóricas por motivos epistemológicos. No entanto, considera-se a ideia de que todo texto historiográfico, principalmente quando narrativo,

tem elementos ficcionais. A história aparece não como uma sequência de acontecimentos a serem descobertos em seu entrelaçamento objetivo, mas como uma infinidade mais ou menos caótica de fatos, cuja seleção e organização dependem da perspectiva, do conhecimento, do interesse cognitivo, da ideologia e da formação literária do historiador. Na análise da realidade e na narração literária, entram categorias de pensamento e de linguagem. Ou seja, categorias alheias aos fatos pesquisados entram na organização dos dados históricos, na periodização e principalmente na descrição de cenas e na narração de eventos e biografias sem recursos ficcionais não é possível tornar evidente e plausível uma época, uma classe social, um acontecimento, uma pessoa. Sem empréstimos literários, não há plasticidade nem sugestividade.

A história é uma dramatização do material histórico, em uma linguagem mais ou menos figurativa, com tropos como: metonímia, sínédoque, ironia e, principalmente, metáfora. Sendo assim, fica difícil decidir se um texto narrativo que se refere a uma realidade é literário ou não, se é ficcional ou não. No entanto, um texto historiográfico se aproxima de um texto literário ao mostrar novos significados e permitir diferentes interpretações. Revela-se polissêmico, qualidade eminentemente literária. Conclui-se que o livro euclidiano é um livro multifacetado que reúne

qualidades: a) de uma simples crônica de eventos (com números, estatísticas, relação de batalhões; b) de uma série de depoimentos pessoais, principalmente do próprio escritor, que foi testemunha ocular da Guerra de Canudos; c) de uma narrativa histórica propriamente dita; d) observações e interpretações a partir das mais diversas áreas do saber humano permitindo uma abordagem intertextual e interdisciplinar, pois é ao mesmo tempo uma fonte histórica, artística, científica e filosófica, a mais importante sobre o evento de Canudos.

Encontra-se no livro dois tipos de ficcionalidade, ou talvez melhor, de literariedade: a narrativa não ficcional que lança mão de recursos ficcionais e trechos de ficção, embora realista seguindo os moldes de H.Taine, citado pelo próprio Euclides da Cunha no prefácio do livro. Dessa maneira, o livro mais famoso sobre a Guerra de canudos é, ao mesmo tempo uma fonte histórica e uma narrativa historiográfica, a mais importante até hoje, sobre esse evento, que influencia decisivamente a interpretação da guerra até nossos dias.

Referências

- ABREU, M. de. *Estilo e personalidade de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira., 1963.
- BOSI, A.. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CITELLI, A. *Roteiro de Leitura: Os Sertões de Euclides da Cunha*. São Paulo: Ática, 1998.
- COUTINHO, A. *Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: S. José, 1959.
- CUNHA, E. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1938.
- GALVÃO, W. N. “O Correspondente de Guerra. Euclides da Cunha”. In: *Saco de Gatos: Ensaio Crítico*. São Paulo, Duas Cidades, 1976, p. 55-63.
- MOISES, M. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix.
- OS SERTÕES, o Canto de uma Cólera. *Nossa América*, n.3, pp.89-103, jul. - ago.
- RABELLO, S. *Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.